

Prefácio de fr. Agostinho Gemelli ofm

ao livro de **Irma Corsaro “Armida Barelli”**.

(Editora: *Vita e pensiero*)

Este não é um prefácio para apresentar a autora ou para elogiar a obra; é um testemunho que eu acredito ter o dever de tornar público para contribuir com que Armida Barelli e suas obras sejam conhecidas. Talvez ninguém possa dar um testemunho mais completo do que eu, porque tive a graça de colaborar com ela nas numerosas obras, todas realizadas para dar glória a Deus e para o bem das almas; esse trabalho de assídua colaboração, que durou longos anos ininterruptamente, me deu a oportunidade de conhecer seus pensamentos e seus sentimentos e de julgá-la nas motivações de suas ações.

Após sua morte numerosas pessoas me falaram, ou me escreveram, solicitando-me para pedir às autoridades eclesíásticas para iniciar o processo de reconhecimento de suas virtudes. Ainda não me decidi a dar esse passo, por mais apropriados que fossem os convites, por mais numerosos que fossem as exortações de ilustres e venerandos prelados e os testemunhos vindos de todas as partes, e não só da Itália, no dia após a morte da saudosa senhorita. Pareceu-me oportuno aguardar. Eu o fiz após ter me aconselhado com pessoas digníssimas; o tempo é um grande juiz; se esse consenso unânime de testemunhos permanecerá, é preciso ver nele a indicação de Deus, recolher e apresentar à autoridade eclesíástica para que decida sobre o que se deve fazer para a honra de Deus.

No aguardo, eis o meu testemunho.

Aqueles que conheceram Armida Barelli nos últimos anos de sua vida puderam constatar que ela tinha uma norma de vida à qual vivia com fidelidade e puderam constatar, ainda, que todo pensamento que ela manifestava, toda ação, toda palavra, todo gesto revelavam o firme propósito de servir à Igreja, de fazer com que Jesus fosse amado, de acorrer, socorrendo, mesmo que de forma modesta e discreta, todo aquele que lhe pedisse qualquer coisa. Todos tiveram a ocasião de constatar o seu grande amor pelo Papa, pelos Bispos, pelas obras da Igreja. De modo particular, constataram o seu zelo pelas almas que caíram em culpa ou vítimas da tentação. Os seus grandes amores foram a Ação Católica, especialmente a Juventude Feminina por ela fundada e acompanhada; a Universidade Católica do Sagrado Coração, que ela fez conhecer, amar e ajudar e na administração dessa, foi a chama ardente; a Obra da Realeza, que recolheu a herança da Obra da consagração dos soldados ao Sagrado Coração e que ela organizou com zelo para promover o apostolado litúrgico e ascético. E omito me lembrar de outras obras ou iniciativas, algumas das quais devem permanecer na sombra discreta do segredo de Deus, outras, aparentemente de menor importância, mas também idealizadas para a glória de Deus e o serviço da Igreja.

Armida Barelli incitava todos a amar o Sagrado Coração de Jesus, a serem seus devotos e a propagar o seu culto; ensinava a ter filial confiança em Maria e a repetir: «Mater mea, fiducia mea». Todos, numerosos, que se dirigiam a ela eram atendidos; mesmo os inoportunos, descarados, os “cara de pau”; mas especialmente eram atendidos os pobres

e humildes; todos eram acolhidos com um sorriso aberto ou ao menos com uma boa palavra. Poderia continuar ainda a enumerar aspectos virtuosos da vida de Armida Barelli, se não fosse melhor remeter o leitor à boa biografia que com inteligente amor Irma Corsaro escreveu.

O que quero dizer(e como testemunho tem, certamente, um grande significado) é que Armida Barelli não nasceu excepcionalmente virtuosa, mas se tornou tal; não foi, desde a infância, uma criatura de extraordinária vida interior, mas, pouco a pouco, por dom de graça e força de vontade, se formou nela aquela personalidade não comum, aquela mulher de zelo incansável, de sacrifício sorridente, de confiante aceitação da grave provação com que Deus quis concluir a sua vida, que muitíssimos conheceram e admiraram. Enfim, aquele heroísmo no agir e no sofrer, que resplandeceu, principalmente nos seus últimos anos, foi um ponto de chegada, conquistado com longo e assíduo trabalho interior que jamais foi interrompido.

Nos primeiros anos em que a conheci, me disse várias vezes que no Colégio de Menzingen um sacerdote lhe havia ensinado um notável provérbio alemão, que diz que quem não progride, não para, mas retorna, e este lema a tinha, desde pequena, impressionado muito, tanto que a fez intuir, desde então, a beleza do aperfeiçoamento espiritual, mesmo estando tão distante dele. Parece-me que posso testemunhar que a intensa vida interior, a plena dedicação atingida nos últimos anos foi fruto de um longo trabalho ascético no qual teve ajuda preciosa de alguns santos sacerdotes.

* * *

Conheci a Srta. Barelli em 11 de fevereiro de 1910, portanto, na festa de Nossa Senhora de Lourdes; veio até mim para falar do seu irmão, que depois se tornou um valente médico, e por quem estava preocupada porque ele estava distante da fé. Queria informar-me sobre esse irmão para que os encontros que eu teria com ele fossem frutíferos. Armida Barelli era, quando a conheci, jovem e bonita, pertencente a uma família burguesa de Milão, na qual imperava a mais rigorosa norma moral; ao mesmo tempo havia muito ceticismo religioso a ponto de não aderir à vida da Igreja, porém não ao ponto de cair em formas de desprezo ou de zombaria anticlerical, que eram traços característicos da burguesia milanesa dos anos oitocentos. Isto é, as famílias ricas da Lombardia, enquanto eram moralmente irrepreensíveis, não ouviam os insistentes convites da Igreja; essa atitude, fruto da situação política italiana a respeito do relacionamento entre Igreja e Estado depois de 1870 e da expansão do preconceito que levava a crer que a unidade da Itália havia sido formada pela vergonha da oposição dos “padres”. Desse preconceito salvam-se alguns sacerdotes, que com sua conduta política mostravam aparentemente não aderir à posição de pensamento daqueles “clericais” que protestavam pelo “prisioneiro do Vaticano”¹; típico

¹"O prisioneiro do Vaticano" é o papa que, em protesto, não saía do Vaticano após a anexação de Roma à Itália, em 1870.

exemplo é o Stoppani, grande sacerdote geólogo, que para os católicos liberais lombardos representou uma bandeira; ele era conhecido e admirado na casa Barelli, justamente devido a essas atitudes políticas que tornavam até mais evidentes seus grandes méritos científicos. Eu conservo uma estatuazinha do Stoppani, chefe dos sacerdotes liberais lombardos, que me foi presenteada pela família Barelli.

Mesmo assim, em muitas famílias lombardas desse tipo cresceram jovens que estiveram entre os primeiros soldados da Ação Católica, quando ela começou a sair do ambiente fechado das sacristias e a florescer com suas obras. Conheci muitos desses jovens e dessas senhoritas, que se tornaram profissionais importantes e ao mesmo tempo militantes da Ação Católica. E dessas famílias saíram religiosos e sacerdotes zelosos, piedosos e fiéis aos ensinamentos da Igreja. Considero que eles foram o prêmio dado por Deus a muitas famílias onde reinava íntegra honestidade de costumes, grande respeito e amor pelos pais, bondade de ânimo. Armida Barelli foi uma dessas flores saídas de tais famílias. De fato ela não viu seu pai concluir cristãmente a sua vida e sofreu muito por isso; assistiu com dedicação extrema a mãe nas dores e nas provações que a conduziram à vida cristã fervorosa; pôde exercer uma benéfica influência sobre os irmãos, irmãs e parentes; tudo isso se deve, inicialmente, ao fato de que, crescida num ambiente familiar fortemente moral, teve no seio da família as bases necessárias para a construção da sua forte personalidade religiosa, que Deus formou mediante provações, sofrimentos, amarguras, mas também alegrias e, sobretudo, mediante a obra dos sacerdotes, dos bispos, dos cardeais, dos pontífices que a amavam e a ajudaram, porque encorajados a fazê-lo pela simplicidade e espontaneidade de sua alma.

Foi esta a característica natural mais evidente de Armida Barelli. Uma simplicidade, um presente de Deus, mas fruto também da educação que teve na família. Quem a conheceu era logo tocado pelo grau elevado desse dom, o qual fazia com que todos os seus comportamentos parecessem espontâneos e naturais. Era tão simples a sua alma que às vezes com seus irmãos, e com a cumplicidade da mãe, eu contava umas histórias inverossímeis, que ela aceitava como verdadeiras porque eram contadas por um religioso, que não poderia dizer algo que não fosse verdade; as chacotas terminavam sempre com a fábula do burro que voava na praça. Passava pouco tempo e, felizmente inconsciente, mas coerente consigo mesma, dava novas provas de sua habitual simplicidade, que não era crença burra, mas consequência de extrema singeleza, de plena confiança na honestidade e na palavra dos outros. E esta permaneceu sua característica mesma em idade avançada, mesmo quando as amarguras e as desilusões da vida lhe haviam ensinado que, infelizmente a singeleza e a honestidade são virtudes não comuns nos homens do nosso tempo.

Outra característica natural de Armida Barelli foi o empenho e a firmeza na execução das tarefas que lhe eram confiadas. Desde o início da nossa colaboração, constatei que me dava uma ajuda preciosa, porque assumia a função com empenho e decisão, esforçando-se para chegar bem e rápido à meta e, sobretudo com ordem. Eu lhe pedi várias vezes uma colaboração compromissada e trabalhosa; uma vez aceitei (primeiro queria estar convicta de

que fosse uma obra boa e justa e queria ver com clareza e com precisão o programa e analisava, para ver se todos os meios eram adequados), trabalhou duro com todas as suas forças de forma ininterrupta, como se não se cansassem, sacrificando longas horas ao trabalho.

Terceiro dom natural de Armida Barelli: a concretude positiva. Cansava-se em ouvir discursos longos e genéricos, e não disfarçava sua chateação; um discurso fundado em fatos, traduzia logo em esquemas e em poucas fórmulas que, com inteligência intuitiva, prontamente, construía para si e para os outros. Várias vezes discuti com ela projetos e programas; constatei que percebia logo o nó da questão, coordenava os meios para obtenção do objetivo e deixava de lado uma proposta, por mais bela que fosse (quantos se dirigiram a ela com projetos e programas que ela me mostrava para pedir conselho!), quando intuía que não se apoiavam em bases concretas.

Outro dom natural que Armida tinha era a serenidade constante e a confiança nos outros. Eu a vi dirigir colaboradoras pouco inteligentes, fantasiosas ou mesmo cabeçudas. Seria natural que se inquietasse, se irritasse. Ao invés, a vi sempre serena, paciente, indulgente, compassiva, ajudando, substituindo a sua obra com a da outra sem fazer a intervenção pesar, espontaneamente, dando sempre o mérito do que se obteve a quem tinha feito pouco ou mal.

Estas as fundamentais características naturais da senhorita Armida Barelli, expressão de uma personalidade destacada, própria, caracterizada por uma vontade iluminada e firme. Não aceitava com facilidade a opinião e a influência dos outros, a menos que se tratasse de casos de pobres, de doentes, de sofredores, ou também de almas caídas no pecado e necessitadas de ajuda e de luz. Numa palavra, Armida Barelli tinha uma personalidade naturalmente forte, fortemente coerente consigo mesma, com suas convicções e crenças, mantidas saudáveis graças à sua fidelidade constante aos princípios reguladores da vida. Essa fidelidade era mantida, mesmo nas mais árduas dificuldades e nos mais acalorados contrastes. Nela não existia aquele sentimentalismo que é frequente observar nas jovens; porém era sensível aos afetos mais puros e mais nobres; normalmente não revelava a ninguém as dores de sua alma; somente em circunstâncias excepcionais se comovia até as lágrimas; isto quando estava em jogo ou eram recusados os ideais de honestidade, de fé cristã, de bondade e amor ao próximo, que eram os fundamentos da sua vida.

São dons de Deus também as capacidades naturais, mas não bastam para santificar o cristão. Quando conheci Armida Barelli eu a admirei por esses dons naturais, a julguei por isso muito madura e muito melhor do que outras mulheres da sua idade; e não poderia não admirar também a sua conduta cristã coerente, sem medidas, sem ter vergonha disso (coisa muito fácil nos ambientes burgueses do seu tempo) e pela sua prática religiosa contínua, constante, sem carolice, com algumas notas de ingenuidade que nunca perdeu, fruto de uma séria e positiva educação; porém, constatei como ela soube, com trabalho assíduo e persistente, corrigir-se progressivamente e conquistar pouco a pouco uma extraordinária

perfeição interior somente graças à uma férvida vontade, a uma batalha espiritual contínua, a dons e graças excepcionais, dos quais falarei depois.

Do que Armida Barelli me contou da sua infância, da sua adolescência e da sua juventude, pude confirmar a solidez da formação que é dada pelas Irmãs da Santa Cruz de Menzingen; pude constatar em diversas jovens de famílias às quais era aconselhado aquele colégio (antes da primeira guerra mundial), os magníficos resultados que aquelas boas Irmãs sabiam obter. Armida Barelli, por declaração daquelas religiosas, foi uma das melhores de suas alunas. Depois de pouco tempo, quando ela me mostrava o folheto para as ex-alunas («*Vergissmeinnicht*»: Não esquecer), o fazia com prazer, feliz em tecer elogios àquelas suas antigas mestras, doces e ao mesmo tempo firmes.

Fazendo agora a comparação daquela jovem que conheci em 1910 com a mulher madura que a doença tirou a voz, debilitou o organismo, até poucos meses antes em perfeita forma; ela me veio à memória, encolhida na poltrona, incapaz de mover-se sozinha, mas lúcida na inteligência, imersa na adoração do Santíssimo Sacramento, desligada de tudo o que a rodeava, até das pessoas queridas, e absorta na oração, numa serena aceitação das terríveis consequências da doença e tendo diante dos olhos a visão da morte que ela considerava como o grande passo para ver face a face aquele Jesus ao qual havia consagrado a sua vida, devo concluir que Armida Barelli percorreu um longo caminho que a conduziu a buscar e a conquistar as virtudes que tornam a alma mais aceita a Deus.

A personalidade de Armida Barelli tinha características naturais que a tornavam inconfundível com outras mulheres: o frescor do espírito, a genialidade intuitiva e pronta, a capacidade de organização da própria atividade e das atividades dos outros, o espírito acolhedor com todos, mas principalmente com os mais humildes, o sorriso constante nos lábios no relacionamento com o próximo, mesmo quando estava em contradição com a dor interior, a medida reservada na manifestação dos afetos, a disposição de gozar serenamente até as pequenas alegrias que Deus lhe dava, a prontidão em correr ao encontro das necessidades dos outros, uma resistência excepcional no trabalho, uma vontade firme em atuar o programa estudado e estabelecido, essas foram as notas da sua personalidade natural. Numa palavra: uma natureza feliz pelos numerosos dons que lhe foram dados por Deus. Esses dons naturais tornaram mais fácil o exercício das virtudes sobrenaturais? Talvez; não ousou dizer isso de forma absoluta. Certamente, porém, Armida Barelli, graças ao ambiente familiar característico pela honestidade plena e absoluta, mas também pela liberdade que deu às crianças os meios para realizar seus ideais, graças também à orientação de sacerdotes sábios, piedosos e solícitos, ela magnificamente usou esses dons naturais naquela conquista das virtudes sobrenaturais, que foi a obsessão da sua vida, como demonstram as anotações dos cursos de exercícios espirituais e dos retiros e os propósitos que fazia durante eles, oportunamente conservados com religioso cuidado pela Marquesa Teresa Pallavicino, que foi sua fiel amiga. Quais foram essas virtudes sobrenaturais? Como chegou a realizar o progresso da vida interior?

* * *

Entre as virtudes sobrenaturais que caracterizaram a personalidade de Armida Barelli, destaca-se, de modo especial, o seu espírito de fé.

Armida Barelli era mulher de grande fé iluminada. Quando menina, teve uma boa e sólida educação religiosa das Irmãs da Santa Cruz; quando jovem, freqüentou os cursos de religião que haviam sido estabelecidos em Milão para ensinar “teologia” aos leigos e conquistou um diploma do qual se orgulhava mais do que os outros diplomas honoríficos conquistados nos seus estudos.

Teve como diretores espirituais homens insígnies como o Padre Mattiussi S. J., o Monsenhor Gorla, Confessores da Catedral, Padre Arcangelo Mazzotti, frade menor e hoje Arcebispo de Sassari, que lhe pediram o estudo para completar a sua formação religiosa; durante toda a sua vida leu, ou melhor, estudou, livros alemães e italianos sobre as verdades religiosas. Por isso a sua fé tinha um sólido fundamento. Repito o que escrevi por ocasião da sua morte: a característica fundamental da sua forte personalidade, considerada do ponto de vista sobrenatural, foi a grande fé. Se quisermos entender as suas múltiplas atividades, se quisermos perceber a sua firmeza em perseguir os ideais que se havia proposto, se quisermos colher o significado do espírito de sacrifício com que se doava generosamente e sem reservas às amadas obras, é necessário reconhecer que nela a virtude fundamental foi a fé.

Era uma fé consciente, como eu disse, iluminada; uma fé heróica em algumas circunstâncias, porque soube suportar dores, amarguras, decepções, incompreensões, até de pessoas ou organismos religiosos; não criticou; olhando somente ao fim sobrenatural pelo qual trabalhava, aceitou tudo em silêncio. Foi também uma fé ingênua, por assim dizer, infantil, se esta expressão não soasse erroneamente em alguns ouvidos. Quero dizer que era tanta a fé em Deus, em Jesus Cristo, na Igreja, que ela jamais discutia o que lhe era apresentado como vontade de Deus, ou como desejo da autoridade eclesiástica, ou mesmo como palavra de um sacerdote; abandonava-se com grande espontaneidade a fazer aquilo que considerava a vontade de Deus, mas o fazia com uma firmeza que se deve dizer viril, porque se costuma dizer assim, não reconhecendo-se na mulher a força que ao invés, muitas vezes, ela tem mais do que o homem no obedecer a um ideal.

A evidência da sua fé? De todo dia e toda hora. Eu, que tive a felicidade de tê-la, desde 1910, como colaboradora em numerosas obras, posso dizer que quando se projetava uma obra era imediata a referência à vontade de Deus. A sua fé se manifestava no seu grande amor pelo Pontífice, pelos Bispos, por todos os sacerdotes. A sua fé se manifestava, sobretudo, pelo seu amor ao Coração de Jesus e à sua divina Mãe. Repetia (e não só com a palavra), e o fazia frequentemente, que ela “confiava no Sagrado Coração”; o repetia nos momentos difíceis da sua vida, que não foram nem poucos e nem breves; repetia também: “*Mater mea, fiducia mea*” com uma doçura de expressão que se manifestava até no acento da palavra; este abandono nas mãos de Deus foi a causa do seu otimismo, da sua serenidade.

Em tudo, nos homens, nas coisas, nos acontecimentos, buscava a glória de Deus. Devemos dizer que a esse espírito de fé ela chegou mediante um progresso constante na vida da Graça.

Acrescento, repetindo o que já escrevi: o motivo da predileção que três Pontífices tiveram por ela foi o espírito de fé que se revelava nas suas palavras, nos seus propósitos, nos seus projetos, nas suas perguntas; a mesma simplicidade e ingenuidade (no sentido mais elevado desta expressão) com que falava ao Vigário de Cristo despertava a sua predileção. Isto me foi dito por Pio XI que a escutava com paterna e particular bondade quando lhe expunha projetos ou programas.

Sua fé, tão aquecida pelo sentimento caloroso, tinha sólidos fundamentos sobrenaturais. Foi por esse motivo que ela promoveu o movimento de intensificação da vida sobrenatural que teve sua maior atuação na Juventude Feminina da Ação Católica. O espírito de fé a impulsionou a amar o Vigário de Cristo com particular amor; desde os vinte anos foi sempre fiel à comunhão cotidiana; e esse amor à Eucaristia é demonstrado no fato de que foi ela quem promoveu, na Universidade Católica, a adoração diária ao Santíssimo Sacramento. Se a Universidade Católica é, como disse Pio XI, o milagre vivo, deve-se ao fato que da manhã até a noite, e isso, desde 1921, se adora na sua capela o Santíssimo Sacramento. Como se pode medir o bem que daí emanou para professores e alunos? Quantas almas rezaram naquela capela? O mérito é de Armida Barelli.

Todos conhecem o que ela fez para divulgar a devoção ao Coração de Jesus. Com que alegria escutava as notícias que eu lhe trazia do *front* durante a primeira guerra mundial, quando comigo ela promoveu a consagração dos soldados ao Sagrado Coração de Jesus! Com toda pessoa que falava, depois de um tempo o assunto se voltava ao Sagrado Coração e incitava a honrá-lo.

Eu já contei, mas devo aqui lembrar o que aconteceu quando a nossa Universidade foi dedicada ao Sagrado Coração. Foi no outono de 1919 e a Comissão promotora da Universidade se reuniu pela primeira vez naquela que foi a segunda sede da Sociedade Editora "*Vita e Pensiero*": uma sala iluminada na rua Veneza, em Milão. Naquela reunião (não posso precisar em que dia foi, porque todos os documentos foram destruídos pelos bombardeios), entrou na pauta, como primeiro item, o nome a ser dado à Universidade que devia nascer. Barelli e eu, já há tempo, havíamos pensado: "do Sagrado Coração". É fácil imaginar as razões, mas o grande nome suscitou na reunião uma série de oposições. Teve quem disse (faço propositalmente citações anônimas) que essa denominação poderia ser para uma creche, mas não para uma Universidade; outro disse que o título de católica era já suficiente sem acrescentar nada mais; houve quem propôs, para conciliar as várias tendências, de intitulá-la ao grande Santo Ambrósio e de chamá-la de "Ambrosiana". Eu, diante de uma tomada de posição assim genérica, assim truncada, assim pronta, me senti intimidado e disse no meu coração: começamos mal; se até sobre o nome não estão de acordo aqueles que chamei para colaborar, o que será quando se tratar de determinar as características e a estrutura da Universidade nascente? E me deixei tomar pelo medo. Olhei

a Srta. Barelli, como para dizer: “Você vê onde estamos?” Estava com a face firme e séria, como quando se tratava de tomar graves decisões; tomou a palavra por último; com ímpeto e calor defendeu a nossa tese; não havia nenhuma dúvida: a nova Universidade devia se chamar do “Sagrado Coração”, a Ele intitular-se, a Ele consagrar-se. Todos ouviram; mas era evidente pela expressão dos rostos, que os que haviam opinado não se deixavam persuadir. “Razões sentimentais”, disse um, que era uma pessoa muito qualificada; “não é oportuno”, disse outro que considerava, honestamente, as dificuldades em meio as quais nascia a Universidade; “não é prudente”, rebateu um terceiro que preferia sempre as soluções médias, e acrescentou: “não é preciso chocar”.

Cabia a mim responder; confesso que diante de homens de tão alto valor, que tinham na vida uma função oficial reconhecida pelos homens de maior talento que eu, me senti desarmado; procurei rebater uma por uma as razões; mas certos sorrisos nos lábios me fizeram entender que as minhas razões não eram avaliadas; fiquei sem palavras, quando um afirmou: “Mas o senhor que conhece, até melhor do que nós, o mundo dos homens de ciência e de cultura, o senhor não pode sustentar semelhante tese, feita para estragar a idéia grandiosa e linda desde o início”. Na realidade, me disseram em confiança, os presentes, exceto dois, que não estavam convencidos da possibilidade de iniciar uma Universidade católica; dos dois, um não estava em condições de poder mensurar o que nos propúnhamos fazer e de avaliar quanto árduo seria atuar o plano; o outro, Monsenhor Olgiati, era muito ligado a mim pela comunhão de pensamento e de afeto, para duvidar ou discutir. Houve um momento de silêncio; o desconforto pareceu evidente; temi que sairíamos dali sem nada concluir.

A Srta. Barelli rompeu o encanto e disse-nos: “O Sagrado Coração quer assim; Ele quer que chamamos isso para Ele; nós prometemos: devemos fazê-lo; se o fizermos teremos Sua ajuda; se não o fizermos, seremos abandonados às nossas pobres forças e fracassaremos”.

Ninguém ousou replicar; até aqueles que duvidavam que fosse um projeto realizável fizeram objeções, mais de forma do que de substância. A batalha foi vencida exclusivamente pela coragem e pela fé da senhorita Barelli

Desse mesmo espírito de fé é prova outro episódio.

Tratava-se de obter, em 1924, do Estado, o reconhecimento jurídico da Universidade como Universidade livre. Longas tratativas com os Membros do Conselho Superior de Educação, muitíssimos dos quais eram contrários; dificuldades graves com os funcionários do Ministério; em suma, o único a ser favorável era Giovanni Gentile, o qual, porém, não era mais Ministro da Educação (Istruzione), tirado do cargo por Mussolini e substituído pelo senador Casati; Gentile era, porém, Presidente do Conselho Superior da Educação. Um dia, um telegrama de Gentile me chamou a Roma; os mais teimosos tinham se dobrado; relatores haviam aceitado dar parecer favorável; era preciso enfrentar a votação. Gentile me disse que as objeções ainda existentes se concentravam sobre o primeiro artigo do Estatuto

que soava, como soa ainda hoje: “A Universidade Católica do “Sagrado Coração” de Milão... tem o objetivo de contribuir ao desenvolvimento dos estudos e de preparar os jovens para as pesquisas científicas, para os departamentos públicos e para as profissões liberais com uma instrução superior adequada e uma educação moral baseada nos princípios do Catolicismo”.

O resto do Estatuto parece bom e digno de aprovação.

Gentile me disse que ele estava disposto a aceitar também aquele primeiro artigo do Estatuto porque era bom que uma Universidade católica se declarasse tal não só no nome mas também no Estatuto. Mas existiam os irredutíveis. Devemos lembrar que ainda não haviam se estreitado os Pactos de Latrão²; estávamos no regime das Guarentigie³; muitos conselheiros eram velhos liberais, por estrutura mental inimigos do Catolicismo ou, melhor dizendo, incapazes de compreender seus altos ideais. Gentile, após uma conversa onde se pesou os pró e os contra, disse: “Antes que deixar reprovar o Estatuto e a ereção da Universidade pelo Conselho Superior, é melhor renunciarmos ao primeiro artigo; damos a ele uma estrutura paliativa”. Deve-se notar que Gentile, como Ministro em 1923, me havia chamado a Roma para colaborar na elaboração dos artigos da lei 23 de novembro 1923, que reformava as Universidades e que instituía as Universidades livres; eu revia os artigos referentes a elas e propunha as modificações que considerava oportunas, o que fiz em alguns dias de incansável trabalho nas salas do Gabinete do Ministro.

Ouvida a proposta de Gentile, retornei de avião para Milão; reunida às pressas a Comissão promotora, todos concordaram em aceitar a proposta de Gentile para se chegar ao porto: única oposição foi movida pela Srta. Barelli. Eu tive uma idéia: no trono de Pedro sentava, há dois anos Pio XI, que nos havia aconselhado em cada passo. “Vamos até Ele, disse; Ele nos dirá a vontade de Deus”. A Srta. Barelli, Necchi e eu fomos a Roma e fomos imediatamente recebidos pelo Pontífice. Uma memorável audiência; infelizmente dessa também foi destruída pelos bombardeios a ata que havia redigido. Longa discussão; ao final da qual sobre aquele nobre rosto vi passar a serenidade, a aflição, a angústia, as esperanças, as nuvens negras, que rompeu dizendo: “O bem de ver reconhecida a nossa cara Universidade como Universidade livre, e de romper uma velha tradição, é tal e tanto grande, que é prudente aceitar o conselho de Gentile, tanto mais que ele se empenhou, como Presidente, a conduzir o Conselho a aprovar o Estatuto”.

Apenas terminou de falar, a Srta. Barelli desatou a soluçar sem dizer uma palavra; as lágrimas molhavam seu rosto; todos ficamos comovidos; não ousamos falar; somente ela, entre as lágrimas, com voz embargada disse, após acalmar um pouco a emoção: “Padre Santo, nós faremos aquilo que o Senhor decidir; mas vos peço de considerar ainda: este artigo conservará no futuro o caráter católico da Universidade? Vos peço: diga-nos o que

²Os Pactos de Latrão (1929) são um acordo entre o Vaticano e o Estado Italiano que regula as suas relações.

³A lei das Guarentigie (1871) é uma lei do Estado Italiano referente ao relacionamento com o Vaticano. Foi abolida em 1929.

devemos fazer; com a coragem dada pela Sua bênção enfrentaremos a batalha e venceremos”.

Todos nós tínhamos os olhos marejados de lágrimas, até Pio XI. Outro e mais longo silêncio. Em seguida: “É verdade; tem razão a Srta. Barelli; é a voz da confiança no Sagrado Coração que fala nela; aceito o seu parecer; é preciso pensar também no futuro; por isso enfrentemos a batalha; o senhor, Padre, vá e transmita, e eu amanhã de manhã celebrarei a Santa Missa para que seja feita a vontade de Deus”.

Gentile escutou, ele também comovido, a minha narração da audiência pontifícia e disse: “Tentemos a batalha”. Enquanto o Conselho Superior de Educação estava reunido, eu na vizinha igreja de Santa Maria sobre Minerva, rezava. Um funcionário de confiança, que devia me avisar, num determinado momento chegou correndo na igreja e me sacudiu fortemente, enquanto eu estava imerso na oração e me disse: “Tudo aprovado; e bem; venha, Padre; o Presidente Gentile quer vê-lo e combinar o que deve ser feito”.

Os dois episódios atestam que a Universidade Católica deve à fé corajosa e firme da Srta. Barelli, à sua confiança no Sagrado Coração.

Armida Barelli exercitou de forma não comum a caridade; caridade é amor a Deus; caridade é amor ao próximo. Muito poderia ser dito para testemunhar o seu amor a Deus; limito-me a recordar um fato. Nas inúmeras conversas que tive com ela, devido às várias obras que juntos promovíamos ou cuidávamos, sempre começava ou terminava com uma referência a Deus, isto porque era movida em toda atividade pelo propósito de amar Deus e de torná-lo amado.

A caridade pelo próximo se exercita sobretudo na busca do bem espiritual das almas. Quando sabia que uma alma vivia em pecado, fazia de tudo, pedia ajuda a todos, para convencê-la a romper o vínculo de pecado e retornar à paz com Deus. Justamente nesse assunto me pedia sempre conselho, posso dizer que em muitos casos dedicou tempo sem medidas, deixando de lado todos os outros compromissos, mesmo graves, fazendo longas viagens, recorrendo a todas as boas iniciativas para reconduzir uma alma a sair da condição de culpa. São também inúmeros os sacerdotes que foram chamados por ela para ajudarem a salvar almas.

Foi caridade de pátria o que fez no período eleitoral de 1948. Visitou cada cidade; por todos os lugares falava às jovens e às mulheres da Ação Católica para estimulá-las a fazer o seu dever nas iminentes eleições. Quantas noites passou em viagem! Quantos discursos em público e em privado! Isto foi uma propaganda eleitoral? Isso poderia afirmar quem olhasse as coisas do lado de fora. Era sincero amor de pátria, era sincera caridade ao próximo, era zelo do bem pela nossa terra que a movia. Acho que posso dizer que entre as causas da doença que a levou à morte não podemos esquecer as enormes, inumanas fadigas desse período. Em vão eu lhe pedia para que tivesse compaixão por si mesma.

Caridade ao próximo é revelada também por esse fato. Quando se aproximava o Santo Natal, ou a Santa Páscoa, passava noites, digo noites, e numerosas, a preparar, para um infinito número de pessoas um presente, um santinho, uma lembrança, sobretudo um pensamento. E não por sentimento humano. Quando eu a repreendia e a exortava, mas sempre inutilmente, a deitar-se não depois da meia noite, me dizia: Olha, um escrito, uma imagem, uma lembrancinha, leva um sorriso a uma alma, e é um modo para sugerir um bom pensamento religioso. Existem muitos a quem sei que minha saudação e minha lembrança são boas para sempre. Posso deixar de mandá-lo?

E a caridade pelos pobres? Quando ela fechou os olhos para a vida mortal compareceram numerosas pessoas às quais tinha ajudado, secretamente. No seu balancete, eu sempre constatei um valor relevante que era reservado, todos os anos, aos pobres, com os quais não economizava. E os pobres que ela ajudava não eram só pobres aos quais faltava o pão. Em certas circunstâncias não hesitou em privar-se de suas jóias e de parte do seu patrimônio para ajudar quem estava numa difícil situação e não podia sair dela com suas próprias forças. Foi também muito generosa com os sacerdotes, religiosos e religiosas. Particularmente admirável a sua generosidade com os sacerdotes; porque se comovia com a pobreza deles, recorria às suas irmãs e mães para saber do que eles estavam necessitando; mas ela ajudava escondendo a mão que doava. Basta pouco para fazer feliz uma criatura, costumava dizer; um ato gentil, uma palavra boa, uma ajuda no momento oportuno fazem amar, através de um ato de caridade, Nosso Senhor, pelo qual fez aquele ato de caridade.

* * *

Grande foi em Armida Barelli a virtude da esperança. No leito de jovens acometidos por grave doença escutei ela dizer muitas vezes palavras de esperança sobrenatural, infundindo na alma daqueles que estavam se apagando a certeza do Reino dos céus.

Ela mesma nutria a esperança sobrenatural do Reino dos céus. Com que tom falava do Paraíso, da vida futura, da luz da glória! Jamais a vi duvidar, mesmo nas circunstâncias mais dolorosas, da ajuda de Deus, da ajuda de Nossa Senhora, dos Santos.

Acredito poder concluir aquilo que acenei brevemente sobre a sua fé, a caridade e a esperança de Armida Barelli, dizendo que muitos sacerdotes tiveram dela ajuda para a sua vida interior. Não que ousasse fazer-lhes pregações ou exortações; não, isso me parece que ela jamais se permitiria; mas possuía o segredo de incitá-los ao exercício dessas virtudes de mil modos. Usava os ardis sagrados das almas que verdadeiramente amam a Deus; e não mostrava a ninguém aquilo que havia feito.

* * *

Devo agora testemunhar sobre o caráter franciscano da vida de Armida Barelli.

Considero, baseado na experiência, que franciscano se nasce; se me pedem para definir o Franciscanismo, respondo que não sou capaz de fazê-lo; é preciso vivê-lo para se

saber o que é; e para vivê-lo é preciso observar o Santo Evangelho «*sine glossa, sine glossa*», como ensinava São Francisco. Creio que posso dizer que Armida Barelli foi fiel a uma fórmula de vida franciscana, que pode ser sintetizada da seguinte forma: eliminar os desejos inúteis; agir numa operosidade correspondente à própria vocação, tão compacta e veloz que não deixe lacunas para fantasias e sentimentalismos; caminhar sempre nas estradas mestras, ao sol; accontentar-se de pouco e gozar de tudo; viver dia após dia na pobreza libertadora; esperar a dor como um amigo; amá-la ciosamente como sinal de predestinação; confiar em Deus e querer sempre a sua vontade.⁴

Mas, para dar fisionomia franciscana à vida é preciso, como elementos essenciais, amor e pobreza; é preciso concretude e ação; é preciso conjugar o temporal e o eterno abraçando o universo numa só linha, simples e infinita como um círculo, que tenha como centro Deus. Assim, o jovem Dante concebeu o amor franciscano. Esse amor, enquanto guia a alma que lhe se doa ao perfeito regozijo, tende a difundir a alegria de viver, desenvolvendo há sete séculos a função histórica de valorizar sobrenaturalmente a vida em todas as suas manifestações, daquelas mínimas de todo dia àquelas sublimes da dor, de celebrá-la como dom de Deus para além do prazer, para além do sofrimento, para além das formas “dionisíacas” nas quais os homens perseguem em vão a felicidade; enfim, transfundir na vida o bem supremo da Fé e colocar a serviço da Fé todos os bens da vida.⁵

Assim foi a vida de Armida Barelli; tais foram os seus pensamentos, a sua vontade, a sua piedade; ela foi, sem dúvidas, uma alma genuína e profundamente franciscana, e eu acrescento: não o era só para si, mas também para os outros, que incitava-os a seguir São Francisco de Assis para imitar mais fielmente Jesus Cristo.

O seu foi um franciscanismo iluminado. Havia lido e estudado não só os documentos da vida de São Francisco e da primitiva vida franciscana, mas também conhecia a teologia e a ascética franciscana, conhecimento obtido mediante o estudo de obras de valor, especialmente de São Boaventura. Entre as suas leituras preferidas estavam as admoestações de São Francisco, os aforismas do B. Egidio, os sermões de São Bernardino, as cartas e os propósitos de São Leonardo de Porto Mauricio.

A sua piedade foi franciscana ativa, objetivando a libertação da alma de toda imperfeição, sem escrúpulos. A oração e a meditação da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo foram as suas preferidas.

Amava e praticava sinceramente a pobreza; foi generosa com os outros mas frugal consigo mesma. Sobretudo ficou evidente que, das características do franciscanismo que Armida Barelli se apropriou, a principal foi a ação. É notável que São Francisco viu a ação sob um aspecto, para o seu tempo, novíssimo; lembrou aos homens, que se consumiam em ascetismo solitário, o valor religioso da vida ativa, seguindo o Evangelho, imitando Jesus Cristo, incansável de coração e mão na vontade de servir a Deus. É notável também que a

⁴Ver o meu: *Il Francescanesimo*, VI edição, p. 487.

⁵*Ibidem*, p. 484.

ação, entendida segundo a doutrina dos doutores franciscanos, começa com o “quero” deliberado na consciência e, por isso, é primeiramente interior. Quando os mestres medievais franciscanos falam de “operar”, “engenhara-se”, não entendem o fazer, o trabalhar onde a energia humana se fatiga e se compraz; mas eles significam o esforço do espírito para vencer os movimentos inferiores e se juntar a Deus, onde a própria oração é um vigoroso combate, enquanto o ócio é qualquer solicitação ou esforço não dirigido à eternidade. Corresponder imediatamente à inspiração divina, não perder jamais um minuto, considerar a conversão um renovar-se de hora em hora, e regresso o não progredir, a culpa negligenciar um bom trabalho, e o máximo dom o vencer a si mesmo na diuturna batalha do orgulho e dos sentidos, este é o programa de ação de São Francisco; uma vez que também é um programa de todo cristão, não tem nada original em si; mas original é para o espírito e o ímpeto com que o santo o desenvolve; a originalidade começa onde ele projeta esse movimento de sua consciência na vida social. Ora, quem conheceu Armida Barelli sabe que ela atuou generosamente esse programa: a vontade assimilada com a vontade de Deus; o apostolado compreendido como vocação; o trabalho amado e cumprido com alegria.

Mas o trabalho não apagava em Armida a vida interior. Todos sabem que a vida ativa é difícil, porque apresenta o perigo de amar mais as criaturas que Deus; é espinhosa, porque aceita a luta do coração, o qual, mesmo sabendo que só o infinito pode satisfazê-lo, e mesmo querendo manter-se fiel ao seu Deus, sente o encantamento passageiro das coisas. Amar e não querer amar; desejar e não querer desejar; vibrar diante da beleza da vida passageira e não querer gozá-la; deixar-se investir pela correnteza e andar contra a corrente, sentir a febre das conquistas soberbas e permanecer firme num lugar obscuro de combate, é coisa para valente. O heroísmo que exige a ação cumprida assimilando a própria vontade com a vontade de Deus foi a característica e a ação de Armida Barelli; por isso a sua ação foi sempre e exclusivamente religiosa.

Recordo que Armida Barelli sempre inspirou a sua conduta na concepção pela qual São Francisco preencheu o desnível entre a ação e a oração, entre vida ativa e vida contemplativa; na sua alma a ação se convertia em oração, a oração em ação; mas isso não lhe bastava e por isso dedicava muitas horas do dia à oração. Foi fiel ao conceito franciscano do agir sobrenaturalmente no coração da realidade, por mais tentadora ou repugnante que fosse. Como o irmão leigo vai de casa em casa levar a bênção por um pedaço de pão, como o pregador famoso recolhe dores e aspirações dos povos, e sorrisos de almas e problemas sociais para torná-los matéria viva da sua palavra admoestadora, assim Armida Barelli, como fiel Terciária, levava ocultamente a paz entre os homens, exortando-os com o exemplo a fazer o bem por amor a Deus. Ela sabia que o Terciário deve ter como escudo o seu escapulário e como arma o seu cordão; por isso se apresentava a todos com comportamento humilde, com visão otimista do mundo, com palavras simples mas firmes; a todos falava de Deus e da sua Graça; a todos dava a conhecer que estava ligada a São Francisco com o cordão do Terciário, mas o fazia sobretudo vivendo a sua doutrina e traduzindo-a em obras. No seu apostolado Armida Barelli lembrava o dito do Beato Egídio: “Se tu queres operar bem, amputa as mãos e opera com o coração”; portanto,

em seu apostolado, ela foi guiada pela persuasão de que a ação de propagar, tornar conhecido Deus e fazê-lo amar é inútil sem o amor. Pretencioso, pedante, às vezes distancia-se em vez de atrair ou até é escravizado pelos inteligentes para fins humanos. Ela frequentemente repetia um ditado alemão aprendido em Menzingen: que uma gota de mel vale mais que um barril de vinagre para trabalhar entre os homens. Considerava e ensinava às suas irmãs que não se deve esperar as doçuras místicas e que mais do que a suavidade da contemplação ou dos raptos do êxtase, vale, para quem trabalha no mundo e com os meios do mundo, a fidelidade plena a Deus e à Igreja.

Se a oração e o sacrifício são as molas do agir com finalidade apostólica para todo cristão fiel a Nosso Senhor, Armida Barelli se lembrou sempre nos seus planos apostólicos que a característica dele é a concretude feita de simpatia, de pobreza, de atividade leal, veloz, indefesa; recordava às jovens recrutas da Juventude Católica que mais do que com as mãos, é preciso agir com o coração no fazer o bem e não devemos esperar reconhecimento, nem riqueza, nem honras, nem repouso.

Armida Barelli não foi nem uma mística, nem uma contemplativa; nem jamais teve raptos ou êxtases; admirava e amava os santos que tiveram esses dons; mas julgava a si mesma indigna de tudo isso; sentia-se pequena no vasto mundo; gostava de não se iludir julgando-se não fornecida desses dons especiais; e agradecia a todos com uma reprovação: “com um gesto lhes recordava que era uma pequena mulher frágil”.

Teve grandes sofrimentos Armida Barelli, provocados especialmente por quem não a conhecia e interpretava erroneamente o seu modo de agir. Jamais comentou suas dores. Eu sei deles através de outras vias; como conheço também as dores que sofreu pelas almas que ela amava muito e que com o seu sofrimento as conduziu à vida cristã. Como boa e sincera franciscana, ao invés de dobrar-se sobre o próprio sofrimento, que é supremo egoísmo, oferecia tudo a Deus silenciosamente na oração.

Amava a natureza Armida Barelli, como todo franciscano; na sua casa de Pegli, onde desfrutava da beleza do mar que se estendia diante de sua janela, e a visão não era perturbada por nenhum edifício, durante as férias, mesmo breves, que a saúde lhe obrigava a fazer em pleno inverno para obedecer ao que eu exigia, ela deixava-se levar na contemplação e depois terminava com a oração: muitas vezes recitava o Cântico das criaturas de São Francisco, que sabia de cor. Amava as montanhas, os bosques que circundavam a sua casa de Marzio onde se refugiava, dizia, para repousar; na realidade, trabalhar mais, em silêncio. Uma flor, uma árvore, a coroa de montanhas em meio às quais sobressai o monte Generoso lhe davam grande alegria; e logo dizia: esta imensidão de panoramas me fala da bondade de Deus; porque muitos homens não apreciam a natureza como um dom?

* * *

Depois de uma vida despendida na ação, veio a doença e o declinar das forças; a enfermidade a pregou na cama ou numa poltrona. Mas Armida Barelli lembrou que o sofrimento físico não impede o trabalho e trabalhou até o fim, usando as forças que se apagavam. Lembrando que o sofrimento é um dom de Deus, um sinal de honra, ela o viveu com alegria, como o único bem do qual o homem se possa gloriar. E o dizia a quem a assistia. Quanto mais se sentia pregada na sua poltrona ou no seu leito, quanto menos movimentos naturais e livres tinha, tanto mais gozava, tanto mais agradecia a Deus, reconhecia que esse era o calvário natural da vida e repetia a frase: tanto é o bem que espero que toda dor me é um deleite. Assim pôde fechar serenamente os olhos à vida, tendo diante de seus olhos a pessoa de Jesus, cujo amor era a própria razão da sua vida e que na passagem à verdadeira vida ela invocava, certamente com o coração, não podendo fazê-lo com a boca. Quando, nas últimas horas, me pediu se tinha ainda muito tempo de vida, lhe respondi que deveria sofrer ainda um pouco para o respiro que faltava; e como já há meses havia perdido a fala, sorriu para agradecer-me, com um sorriso doce, dirigindo o olhar a uma imagem, esculpida em madeira, de Nossa Senhora com o Menino Jesus no colo, apontando-me a imagem com um gesto cansado e limitado, que resume o maior sofrimento que existiu sobre a terra, aquele da Virgem. Depois de alguns instantes, sorriu de novo e me indicou a imagem de São Francisco. Claro que queria dizer, o gesto me fez entender, que São Francisco nos ajuda a encontrar, a compreender, a amar, através de Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado, a divina vontade. A morte perde a sua horrível fisionomia para criaturas assim preparadas pelo Divino artífice; Armida Barelli, quando com a mão me saudou pela última vez, poucas horas antes de morrer, sorriu. Talvez o Senhor já lhe havia feito entender que a esperava dali a pouco a alegria de vê-Lo face a face. E era essa a recompensa de uma vida vivida exclusivamente para Ele.

Este é o meu testemunho da vida de Armida Barelli.

Fr. AGOSTINO GEMELLI, franciscano

Festa de São Ludovico rei, Protetor dos Terciários Franciscanos.
25 de agosto de 1954.